

Latusa digital – ano 6 – N° 38 – setembro de 2009

Democracia e psicose ordinária*

Véronique Voruz**

“O futuro dependerá da maneira como cada um de nós interpretará seus sintomas”.¹

O título da minha apresentação foi inspirado por uma observação alusiva de Éric Laurent, quando da Convenção de Antibes em 1998 sobre *A psicose ordinária*: “[...] a psicose ordinária é a psicose da época da democracia, quando tomada em consideração a psicose de massa”.²

Essa proposição releva, para mim, duas séries de questões ou pode ser desenvolvida em duas direções complementares, embora distintas³. De um lado, eu gostaria de estudar alguns aspectos da democracia contemporânea, da “nossa” democracia, e, de outro, interrogar a correlação estabelecida por Éric Laurent entre “nossa” democracia e a psicose ordinária. Vou me deter

* Texto originalmente publicado com o título “Démocratie et psychose ordinaire”. Em: *Quarto* nº 94/95. *Revue de psychanalyse* ECF-Bruxelas, junho de 2009, p. 116-121.

** Psicanalista. Membro da New Lacanian School (NLS) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

¹ MILLER, J.-A, LAURENT, E. *O Outro que não existe e seus comitês de ética. Orientação lacaniana II*, 15 (1996-1997). Ensino pronunciado no departamento de psicanálise de Paris VIII, aula de 27 de novembro de 1996.

² MILLER, J.-A e outros. *A psicose ordinária – A Convenção de Antibes*. Paris: Agalma Le Seuil, 2005, p. 258.

³ Este trabalho deve muito ao Seminário de pesquisa de Marie-Hélène Brousse sobre a clínica do laço social (2007-2008), ocorrido no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, e no curso do qual a maior parte dos temas e referências abordadas aqui foram desenvolvidas. Inspirei-me igualmente no Seminário de Jacques-Alain Miller e Eric Laurent, *O Outro que não existe e seus comitês de ética* (1996-1997), assim como nos esforços constantes e sustentados por Jacques-Alain Miller há mais de 10 anos para teorizar nossa modernidade em uma série de intervenções absolutamente cruciais, que tento articular para demonstrar a existência de uma correlação lógica entre psicose ordinária e democracia.

mais demoradamente sobre a primeira dimensão. Entretanto, tentarei igualmente isolar os elementos que me parecem necessários para pensar a articulação entre psicose ordinária e democracia.

Minha primeira série de questões se coloca sobre a própria democracia: com efeito, a maior parte dos países ocidentais adotou estruturas políticas democráticas há bastante tempo. Qual é, então, a especificidade da democracia no século XXI? Pode-se abordá-la servindo-se das coordenadas lógicas propostas por Jacques Lacan, assim como da teorização da modernidade formalizada por Jacques-Alain Miller nesses últimos anos? Este trabalho de definição nos permitirá diferenciar “nossa” democracia das modalidades mais antigas de governo, também elas ditas democráticas.

Escolhi como ponto de partida a descrição antecipada por Jacques Lacan sobre nosso meio no *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. A *aletosfera*⁴ é a palavra que Lacan inventa para nomear o meio produzido pela conjunção ainda inédita do capitalismo e do discurso da ciência. A inexistência do Outro, estando implícita no conceito de *aletosfera*, leva-me a precisar a inexistência do Outro em “nossa” democracia. Enfim, eu gostaria de articular a hipótese de Jacques-Alain Miller, segundo a qual a globalização seria a modalidade da “nossa” democracia na perspectiva da inexistência do Outro – a saber, a globalização na medida em que ela é estruturada pelo não-todo social – com o conceito de psicose ordinária.

Minha segunda série de questões trata mais diretamente do tema da conferência, assim como do título desta apresentação: Qual é a especificidade da psicose ordinária? E sobretudo: Em que essa especificidade faz dela a “psicose na época da democracia”? Finalmente, para citar Jacques-Alain Miller em resposta à intervenção de Éric Laurent: Por que “aquilo que é coerente com a época do Outro que não existe é a psicose ordinária⁵”? Quais homologias

⁴ LACAN J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 142-155.

⁵ MILLER, J.-A e outros. *A psicose ordinária – A Convenção de Antibes*, op. cit., p. 260.

existem entre psicose ordinária e democracia contemporânea? Vou me contentar em desenvolver essa questão sob um ângulo preciso, o da relação entre a estrutura que fica escondida e o sujeito como efeito da estrutura.

I. A especificidade da "nossa" democracia

a) A democracia na *aletosfera*

Nosso meio

Para compreender as formas contemporâneas da democracia, é necessário ressitua-las no meio em que emergem. No *Seminário 17*, Jacques Lacan definiu esse meio como o produto da hegemonia hoje sem rival do discurso da ciência em sua conjunção com o capitalismo, e o nomeia com o neologismo *aletosfera*. Eis a definição que lhe dá Joan Copjec: a *aletosfera* é "uma espécie de paraíso *high-tech*, um espaço laicizante ou "desencantado", não obstante repleto de todas as maravilhas tecnocientíficas imagináveis: sondas espaciais e *Orbiters*, sistemas de comunicações e *telebanking* etc..."⁶

O que tem, pois, esse meio de tão particular? Quando na reunião de 13 de dezembro de 2007 do Seminário de pesquisa, Marie-Hélène Brousse comentou longamente o capítulo XI do *Seminário 17*, ela sublinhou que, para Lacan, "a característica de nossa ciência" – não a ciência, mas "nossa" ciência – "não é ter introduzido um melhor e mais amplo conhecimento do mundo, mas ter feito surgir, no mundo, coisas que de forma alguma existiam no plano de nossa percepção"⁷. São essas coisas inéditas, objetos proliferantes, criados pela ciência, que Lacan chamou de *latusas*: "O mundo está cada vez mais povoado de *latusas*".⁸

⁶ COPJEC, J. "Maio de 68, The Emotional Month", trad. do inglês por Véronique Voruz, LACAN, J. *The Silent Partners*, Ed. Slavoj ZIZEK, London/New York, 2006, p. 90-114.

⁷ LACAN J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, op. cit.*, p. 150.

⁸ *Idem*, p. 153.

A formulação muito precisa de Lacan indica que a “nossa ciência” ultrapassa muito os efeitos do conhecimento e a compreensão do mundo que ela também possa ter. Sua particularidade é produzir objetos que não são compatíveis com o meio precedente, um meio que era organizado pelo imaginário, as leis da natureza – Lacan faz, por exemplo, referência aos princípios macho e fêmea como princípios de organização do mundo – e a percepção, a imagem, a representação.

Podemos ilustrar o fato de que nosso meio não é mais organizado pelos princípios macho e fêmea, e sim pela capacidade do discurso da ciência para produzir objetos que não existiam outrora no plano da percepção. Tomemos como único exemplo a filha nascida do primeiro homem oficialmente grávido, Thomas Beatie. Ele é o primeiro homem transexual a ter reconhecido publicamente que engravidara. Thomas Beatie, de primeiro nome Tracy Langondino, decidiu mudar de sexo, há dez anos. Ele havia decidido, todavia, conservar seus órgãos sexuais femininos intactos, explicando que queria conservar seus “direitos reprodutivos. Querer ter um filho biológico não é um desejo nem masculino, nem feminino, mas um desejo humano”⁹. Perante a lei ele é um homem, é reconhecido como tal pelo estado do Oregon. Também casado legalmente com sua mulher Nancy. Como Nancy havia sofrido uma histerectomia por razões de saúde, Thomas Beatie suspendeu suas injeções de testosterona pela primeira vez em oito anos, deixando seu corpo recuperar o próprio equilíbrio hormonal. “Apesar do fato de que meu ventre esteja crescendo com a vida nova que está em mim, estou estável e situado, permaneço o homem que sou. Tecnicamente, me vejo como minha própria mãe grávida, ainda que minha identidade sexual enquanto homem seja constante”. Temos aqui um transexual homem-mulher, o que seria totalmente inimaginável há pouco tempo atrás, e sua filha, um rebento biológico de seu pai-mãe e de um doador de esperma anônimo. Além disso, a imprensa anglofônica não se privou de relatar que, embora Beatie tenha previsto dar à luz através de uma cesariana, o bebê nasceu de parto normal.

⁹ The Guardian, <http://www.guardian.co.uk/world/2008/jul/05/gender.usa>.

As "verdades" da ciência moderna

Em seu artigo, Copjet parte da construção do termo *alemosfera* a partir da palavra grega *alèthéia*, para indicar a relação entre a ciência moderna e o gênero de verdade que ela produziu: "*Aletmosfera* porque este espaço e tudo aquilo que existe dentro dele construiu-se sobre verdades demonstráveis, rigorosas e matemáticas da ciência moderna".¹⁰

Qual é o estatuto da verdade para a ciência moderna? Para elucidar esse ponto, podemos nos reportar à distinção efetuada por Jacques-Alain Miller, em *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, entre fixação e ficção, para especificar o estatuto evolutivo da verdade científica: a fixação com x faz referência ao fato de que, desde a era Clássica, o discurso da ciência opera fixando os "sentidos do real". Por contraste, a ciência de hoje começou a "dissolver a fixação do real ao ponto que a questão "O que é o real?" encontra apenas respostas contraditórias, inconsistentes, em todos os casos, incertas".¹¹

Desde a primeira aula de *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, Jacques-Alain Miller formulou a hipótese de que nossa época é aquela de uma "crise do real" fundamental, causada pela ciência. Ele opõe essa crise do real à "crise do saber" produzido na época de Descartes e cujo domínio foi "o equívoco na leitura do significante bíblico". Equívoco que se deve à irrupção da Reforma. A crise do saber hoje, pelo contrário, não é uma crise da interpretação, mas uma crise do real. Porque, embora na época de Descartes tenha sido necessário demonstrar a existência de Deus, restou um sentido de um real que não enganava, que protegia o sujeito contra o semblante. Hoje a questão é do sentido do próprio real, visto que ele não pode ser referido às leis da natureza nem à percepção. Essa "desmaterialização vertiginosa" caracteriza uma época na qual "o sentido do real tornou-se uma questão".

¹⁰ LACAN J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, op. cit.*, p. 153.

¹¹ MILLER J.-A e LAURENT, E. *O Outro que não existe e seus comitês de ética, op. cit.*, aula de 20 de novembro de 1996.

O real da ciência é um real de semblantes

Tradicionalmente em nosso campo os semblantes são concebidos principalmente como defesa contra o real. É, assim, surpreendente escutar Jacques-Alain Miller falar do real como uma proteção contra o semblante. Como compreender esse reviramento? Em *A era do homem sem qualidades*, lançado em 2004, Jacques-Alain Miller definiu a ciência em termos que dão consistência à sua tese de uma crise do real:

“[...] a própria ciência, na medida em que opera sobre uma realidade, a faz desaparecer. Lacan tomava, a partir da linguagem, o exemplo dos elefantes em seu *Seminário I*. A explicação científica do que quer que seja só deixa, como resíduo do que se trata, uma combinatória de elementos significantes. Ela volatiliza mesmo tudo aquilo que possa, de início, atá-los à pesquisa e a própria substância da coisa. Quando a explicação científica atinge seu objetivo, ela faz a causa desaparecer para substituí-la pela lei. A ciência substitui a causa pelo significante, ela conduz à criação de semblantes. O que prova sua eficácia é que ela possa reproduzir. Há um efeito de reprodução interna na operação científica. Esse real que invade, e que não é o real, talvez se possa dizer que ele é ainda mais opressor e insuportável que um real de semblantes”.¹²

É, pois, de um real de semblantes que o sujeito contemporâneo sofre e do qual tem necessidade de se proteger – um real que é seguramente distinto do real da experiência analítica.

A acoisa

O desenvolvimento de Jacques-Alain Miller ressoa os dizeres de Jacques Lacan, que encontramos no *Seminário 17* sobre o sujeito do “espaço onde se desdobram as criações da ciência”: é o espaço da “*insubstância*, da *acoisa*

¹² MILLER, J.-A “A era do homem sem qualidades”. Em: *Cause freudienne*, nº 57. Paris: Navarin, junho de 2004, p. 94.

numa só palavra. Fato que altera completamente o sentido do nosso materialismo”¹³. Dito de outro modo, *a coisa* é uma coisa cuja existência provém unicamente da sua verdade lógica, de uma combinatória de significantes. “Na medida em que a ciência se refere apenas a uma articulação, que só se concebe pela ordem do significante, é que ela se constitui com alguma coisa da qual antes não havia nada”¹⁴. Tal uso puramente lógico do significante, instrumentalizado em combinações formais dissociadas das leis da natureza, das representações, termina por distender, por vezes dissolver, o laço entre significante e significado. É assim que Marie-Hélène Brousse nos lembrou em sua introdução, tomando o exemplo do *yin-yang*¹⁵, que essa dissolução implica igualmente um declínio do sentido sexual enquanto possa fazer sentido do nosso mundo.

Uma modificação do simbólico

A versão da ciência enquanto conjunto de combinações puramente significantes, destacada do imaginário, provoca uma mutação no estatuto do próprio simbólico, retornando o simbólico a seu efeito primeiro: o de mortificar o vivo. Certamente, Lacan sustentou através dos seus ensinamentos, que o simbólico puro é a morte, a morte da coisa. Além disso, ainda que o sujeito seja por estrutura um efeito do significante – é a definição clássica de Lacan, segundo a qual um significante representa um sujeito para outro significante –, o sujeito “clássico” é produzido como sujeito na medida em que é precipitado como significado do Outro. Ao contrário, o sujeito contemporâneo, efeito de uma combinatória formal de significantes, é mais objeto e menos sujeito. Nesse capítulo chave, Lacan assinala o efeito de nossa ciência: “Cada um é de início determinado como objeto *a*”.¹⁶

¹³ LACAN J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise op. cit.*, p. 151.

¹⁴ *Idem*, p. 152.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

¹⁶ Ver neste número de *Latusa digital*: BROUSSE, M.-H. “A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso”.

Qual é o estatuto do supereu nessa configuração? Em *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, Jacques-Alain Miller nos lembrou que o supereu é a instância proposta por Freud como parceira da pulsão. E que para Freud o supereu implica sempre a civilização. Logo, a utilização puramente lógica do significante pela ciência moderna produz uma concentração da pulsão de morte, porque o supereu é desnudado do invólucro das identificações ideais. A pulsão de morte, que é menos correlacionada ao Outro pelo ideal, é resgatada pelo supereu da cultura moderna. As neuroses, as patologias freudianas do ideal, marcadas com o selo do dever, do interdito e da culpabilidade, estão em declínio.

b) A inexistência do Outro

Do Pai ao Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai

Dissemos que a inexistência do Outro estava implícita na caracterização, por Jacques Lacan, do nosso meio em termos de *aletofera*. Do mesmo modo como articulamos a inexistência do Outro a referindo à ruptura do laço entre significante e significado no discurso da ciência, gostaria agora de ressituar a inexistência do Outro na terminologia mais classicamente definida do Nome-do-Pai.

A inexistência do Outro não está referida à deficiência, à carência do pai biológico. A carência do pai era moeda corrente na época em que Lacan escrevia "Os complexos familiares na formação do indivíduo", em 1938. Jacques-Alain Miller nos recorda: essa era, para Lacan, a "determinação principal" da "grande neurose contemporânea".¹⁷

O Nome-do-Pai, o pai morto de Freud, representa o pai sobre o pano de fundo da ausência. O significante "Nome-do-Pai" não é o signo da inexistência do

¹⁷ MILLER J.-A e LAURENT, E. *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, op. cit.

Outro, visto que ele eterniza o poder do pai, velando a castração com o ideal. O Nome-do-Pai é, portanto, o significante do Outro que existe. Ao contrário, a pluralização do Nome-do-Pai em Nomes-do-Pai escreve a inexistência do Outro, incluído como equívoco no lugar entre significante e significado. Então qual é o significado do significante Nome-do-Pai? Nome do Pai, não-tolos erram?

A conversação generalizada como efeito da inexistência do Outro

Antes de formular a proposição, a psicose ordinária “é a psicose da época da democracia quando tomada em consideração a psicose de massa”¹⁸, Éric Laurent, apoiando-se na “concepção política da linguagem completamente atravessada pelo complô”, de Chomsky, formula a seguinte consequência da inexistência do Outro para a linguagem: “As regras [da linguagem] não bastam para dar conta da produção do sentido através dos equívocos subsistentes. Então, seria necessário uma grande conversação política para saber aquilo que diz a linguagem”¹⁹. Devido ao equívoco introduzido entre significante e significado, torna-se impossível saber o que a linguagem quer dizer, senão através de nossas práticas de conversação infinitas, infinitamente repetidas, visando justamente saber aquilo que nós falamos: daí os comitês de ética. Éric Laurent lhes atribui a função de fazer consistir o Outro: “Os comitês de ética generalizados são então as figuras nas quais a subjetividade do nosso tempo tenta restaurar o sentido moral do Outro, ainda que sejamos contemporâneos da fuga do sentido, desse paradoxo de misturas, mistura de gozos e sua segregação, o isolamento”.²⁰

¹⁸ MILLER, J.-A e outros. *A psicose ordinária – A Convenção de Antibes*, op. cit., p. 258.

¹⁹ *Idem, ibidem.*

²⁰ MILLER J.-A e LAURENT, E. *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, op. cit.

c) *A democracia – do universalismo à globalização*

Que tipo de laço social permanece possível na *aletofera*, aí onde o Outro não existe? Para tentar logicizar nossa modernidade, Jacques-Alain Miller voltou-se para as fórmulas da sexuação do *Seminário, livro 20: mais, ainda*, precisamente para o conceito de não-todo. Poderíamos dizer que o universalismo caracteriza a democracia na época do “para todo homem”, enquanto a globalização é a democracia na época do que Jacques-Alain Miller chamou de não-todo social.²¹

Globalização – A democracia na época do não-todo social.

Em sua conferência “Intuições milanesas [2]”, Jacques-Alain Miller declara o fim do reino do pai para dar lugar “à estrutura do não-todo”²². O lado esquerdo das fórmulas da sexuação representa a estrutura de um conjunto constituído pela operação de um limite situado como exceção. A exceção estrutura o “para todo homem”.

Por contraste, o lado direito das fórmulas da sexuação, dito feminino, representa um todo não-totalizável: “A estrutura do não-todo comporta precisamente que não haja mais nada que faça barreira, que esteja na posição do interdito”²³. O interdito, o limite, permite a emergência de um todo, ainda que a ausência de tal limite não lhe permita. Em seu lugar, temos “uma série em desenvolvimento sem limite e sem totalização”. Nesse texto fundamental, Jacques-Alain Miller adianta que essa é também a estrutura da globalização.

“Por certo curto-circuito, admitir que a máquina que põe em cena aquilo que chamamos de globalização é o não-todo, é dizer — para Lacan, que o reporta à sexuação feminina — que se pode relacionar a

²¹ MILLER, J.-A. “Intuições milanesas” [2]. Em: *Mental*, nº 12. *Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée*. Paris: NLS, maio de 2003, p. 19.

²² *Idem*, p. 17.

²³ *Idem, ibidem*.

esta estrutura o que se observa da ascensão dos valores ditos femininos na sociedade, os valores compassionais, a promoção da atitude de escuta, da política de proximidade, que devem, daí em diante, afetar os dirigentes políticos. O espetáculo do mundo torna-se talvez decifrável, mais decifrável se nós o relacionamos à máquina do não-todo".²⁴

A inexistência do outro como consequência da biopolítica?

Há causas históricas para a inexistência do Outro? Em *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, Éric Laurent associa a inexistência constatada do Outro à aparição das práticas governamentais para a gestão do vivo – essas práticas que Foucault nomeou com o termo biopolítica.

"Não é sem dúvida por acaso que o termo comitê de ética tenha proliferado no setor das práticas sociais ligadas à vida, e que por aí, o tocamos. Nesse termo que conheceu sua chance no vocabulário contemporâneo, tocamos o tratamento moderno, às dificuldades para aplicar uma moral como diretriz de vida. O Outro da civilização se encontra confrontado com uma série de impasses para diagnosticar, aplicar, reduzir os efeitos dos comandos universais ou dos ideais que querem abarcar vastos domínios".²⁵

Éric Laurent oferece aí uma perspectiva histórica sobre a inexistência do Outro, atribuindo a vacilação do Outro ao fracasso dos significantes-mestres, dos ideais, para resolver os problemas introduzidos no campo do governo pela substituição do binário Estado/sociedade ao par precedente Soberano/sujeito. O sucesso da democracia, uma configuração política na qual cabe ao Estado governar para o bem da sociedade, mais do que uma via de dominação contínua do soberano, contribui para o declínio progressivo do universalismo e para sua substituição pela globalização e suas práticas de gestão, que não pretendem o universalismo, ainda que não sofram nenhuma exceção.

²⁴ *Idem*, p. 18.

²⁵ MILLER J.-A e LAURENT, E. *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, *op. cit.*

II. Psicose ordinária e democracia

A estrutura “como a máquina original que põe em cena o sujeito”.²⁶

Para esclarecer a articulação entre as seções política e clínica desta apresentação, vou me reportar ao artigo “Instituições milanesas [2]”²⁷, no qual Jacques-Alain Miller comenta a noção lacaniana de estrutura e retorna à tese desenvolvida no artigo “Instituições milanesas[1]”, a saber que “O inconsciente é político”²⁸. Esse comentário esclarecedor responde indiretamente à objeção frequentemente endereçada às leituras psicanalíticas do social, isto é, se a psicanálise só se interessa pelo singular, pelo caso a caso, ela não teria, por definição, nada a dizer sobre o social.

Jacques-Alain Miller parte da definição lacaniana de estrutura, que não é uma descrição da realidade, nem um modelo teórico elaborado à distância da experiência”²⁹. A estrutura é a combinatória pura e simples do significante que “se produz na própria realidade e aí determina efeitos”. “Em Lacan, esses efeitos são efeitos de verdade, efeitos de gozo, efeitos de sujeito, e a própria verdade é ela mesma um efeito, o gozo também e igualmente o sujeito”.

Portanto, a estrutura que fica velada produz a realidade subjetiva. Não existe outra realidade que a realidade produzida pela estrutura e cada realidade enquanto tal é um efeito singular de cada estrutura singular. Interpretando a fórmula de Jacques Lacan para a fantasia, Jacques-Alain Miller afirma que a estrutura opera na experiência “como a máquina original que põe em cena o sujeito.”

²⁶ MILLER, J.-A. “Intuitions milanaises” [2], *op. cit.*, p. 10.

²⁷ *Idem, ibidem.*

²⁸ MILLER, J.-A. “Intuitions milanaises” [1]. Em: *Mental*, nº 11, *op. cit.*, dezembro de 2002, p. 12.

²⁹ MILLER, J.-A. “Intuitions milanaises” [2], *op. cit.*

Essa máquina pode ser recomposta pelo sujeito da civilização?

Se essa máquina pode ser recomposta por cada sujeito na experiência analítica, pode ser também recomposta pela civilização? Jacques-Alain Miller responde com a afirmativa: ainda que cada “máquina [seja] própria a cada sujeito”, como “o sujeito não é o indivíduo [...] percebemos que temos algo a ver com a máquina original que põe em cena o sujeito da civilização, no momento atual”. “Eis que se desenha uma ambição sempre retomada, esboçada, de recompor essa máquina original a partir daquilo que nos é dado por seus efeitos”.³⁰

Desses desenvolvimentos, podemos tirar a conclusão — esta é a minha hipótese — que a psicose ordinária é um efeito da máquina original do não-todo social e que, através do nosso trabalho de formalização sobre a psicose ordinária, também podemos recompor essa máquina. E, se a psicose ordinária é um efeito da estrutura do não-todo social o que ela teria a nos ensinar sobre a modernidade?

Qual é o laço social coerente com a estrutura do não-todo social?

A globalização acarreta individualização. Ela atinge “o modo de viver junto, o laço social que existe sob a forma de sujeitos sem apoio, dispersados e que induz, por sua vez, para cada um, um dever social e uma exigência subjetiva de invenção”³¹. Por aí, podemos começar a compreender a relação entre nossa democracia e a psicose ordinária: qualquer sujeito, psicótico ou não, deve inventar agora sua própria vida com cada vez menos suporte retirado da “organização coletiva dos modelos”. É o declínio disso que Freud havia chamado de o mundo vertical da identificação e sua substituição pelas formas

³⁰ *Idem*, p. 11.

³¹ *Idem*, p. 20.

horizontais de identificação, a constituição de pequenos grupos de sujeitos unidos por uma relação partilhada de um aspecto bem específico da vida.

Marie-Hélène Brousse³² situou as psicoses extraordinárias e as neuroses como respostas à exceção. Ao contrário, a psicose ordinária não está indexada à exceção, mas procede de uma identificação à normalidade, à utilização ordinária da linguagem.

A ASBO (Anti-Social Behaviour Order) como nomeação/nomeação do social

Marie-Hélène Brousse tem insistido muito na ideia de que o social retomaria a função do Nome-do-Pai, na medida em que sua função primeira é civilizar o gozo pela instituição de um limite. Vou tentar ilustrar essa tese.

O mecanismo do direito inglês da ASBO poderia nos auxiliar a compreender a ideia do social como limite se substituindo ao Nome-do-Pai, portanto, à exceção. De fato, a ASBO é típica da nossa modernidade. Essa invenção inglesa, introduzida em 1998 pelo primeiro governo de Tony Blair no *Crime and Disorder Act*, autoriza as jurisdições civis do Reino Unido a impor um código de conduta feito sob medida para um dado indivíduo que não precisa para tal ter cometido infração penal, simplesmente ter se comportado de maneira anti-social. Por exemplo, pelo viés dessa determinação, é possível proibir certo indivíduo de frequentar certos lugares públicos, de trajar um tipo de roupa (o *hoodie*, por exemplo), de escarrar na rua, de fazer suas compras em tal centro comercial, de falar com certas pessoas ou, no caso extremo de uma mulher que tenha tentado por fim aos seus dias saltando de uma ponte, de se aproximar da rede fluvial. A violação de uma dessas condições é sancionada penalmente. É então possível, no Reino Unido, ter um dossiê judiciário e uma condenação penal sem jamais ter cometido outra infração à lei penal que a de violar seu próprio código de conduta individualizado. Pode-se

³² BROUSSE, M- H. Seminário de pesquisa sobre a clínica do laço social (2007-2008), ocorrido no Departamento de psicanálise de Paris VIII.

reconhecer aqui uma tentativa do social de civilizar o gozo gerando leis individuais adaptadas a cada sujeito? Essa tentativa de normalização governamental é, bem entendido, objeto de subversões: o termo ABSO, de início um simples acrônimo suplementar, tornou-se hoje um modo de identificação muito popular entre adolescentes e jovens adultos. ASBO é uma palavra da vida corrente, um verbo mesmo, uma medalha de honra, o signo de passagem para a idade adulta: estar no ASBO é hoje uma prova bem mais convincente de virilidade, que o fato de ter uma relação sexual, de consumir droga ou beber exageradamente. Essa identificação cria laço social. Permite, por exemplo, a organização hierárquica interna dos grupos de jovens em função da duração da ASBO de cada um.

Conclusão. Dos gozos de ser um objeto

Os elementos apresentados neste trabalho trazem certamente mais questões para nossa reflexão futura do que respostas, mas deles retiro a seguinte hipótese de trabalho: nossa democracia, situada em um meio produzido pela conjunção inédita da ciência e do capitalismo, implica uma determinação primordial dos sujeitos como objetos. Parece, então, inevitável aceitar a realidade do laço social contemporâneo em suas modalidades de gestão dos sujeitos tomados como objetos – objetos que serão geridos segundo uma lógica de concentração acarretando a distribuição de sujeitos-objetos, em virtude das propriedades que as articulações significantes do mestre moderno reconhece como operantes (saúde, pontualidade, eficácia, produtividade, periculosidade...). Nosso discurso contemporâneo sobre o crime, a avaliação de pesquisas, a gestão da saúde mental, a prevenção do risco, a medicina preventiva, as práticas *Evidence-Based*, os indicadores de desempenho e assim por diante, são inteiramente coerentes com essa perspectiva. Tal diagnóstico coloca, todavia, uma questão fundamental: quais são as formas de subversão do sujeito moderno reduzido às suas medidas formais, aos seus determinantes puramente significantes? Uma consequência da determinação da subjetividade contemporânea em termos do objeto poderia ser o

desenvolvimento de modalidades sociais que permitiriam os sujeitos gozar de suas posições de objeto.

Gostaria de terminar com uma nota um pouco mais ligeira, para exemplificar tal subversão. Trata-se do caso de Ian Usher, o homem que pôs sua vida à venda na Internet. Eis os termos com os quais ele fez sua própria publicidade como bem de consumo desejável:

"Bom dia, meu nome é Ian Usher, eu estou 'cheio' da minha vida! Eu não a quero mais! Ela é para você, se você a quiser! Não, eu não penso em suicídio, eu vou vender minha vida! Tenho minhas razões. Se você quiser mais detalhes, clique no link 'Why'. No entanto, não estou ainda certo se de minha parte se trata de uma loucura inspirada, de uma idiotia total ou de um gênero de crise dos quarenta. O que quer que seja, tudo está à venda em leilão. Tudo que tenho será vendido e regrado, tenho a intenção de partir de casa com minha carteira, em um bolso e meu passaporte no outro, absolutamente, nada mais, sem nenhuma ideia de onde ir nem do que o futuro me reserva".³³

A vida de Ian Usher incluía sua casa na Austrália (3 quartos), seu automóvel, seu material de *jet-ski*, sua cama, sua banheira, sua moto, sua churrasqueira, seus DVDs, um período de experiência de duas semanas em seu trabalho (vendedor de uma loja de tapetes persas), seu *Playstation* e uma apresentação a todos seus amigos. Ficamos surpresos ao saber que Ian Usher teve sucesso em vender sua vida no *eBay*, em 29 de junho de 2008, por uma soma de L 192,276.86. Entretanto, ele não está totalmente satisfeito: o preço de venda obtido por sua vida pareceu-lhe, de fato, bem modesto...

Tradução: Doris Rangel Diogo

³³ WWW.alife4sale.com